

Indígenas habitam favela no Santos Dumont

São 10 famílias Sateré-Mawé morando entre os conjuntos Santos Dumont e Hiléia e enfrentando o desconforto da vida urbana

Manuel S. Lima

A justificativa de que existe "muita terra para pouco índio" utilizada pelos políticos contrários à demarcação das áreas indígenas, não pode ser aplicada ao clã de 10 famílias Sateré-Mawé que habitam parte de uma favela, entre os conjuntos Santos Dumont e Hiléia. No total são dez famílias distribuídas em dez casas, onde moram 54 pessoas. A produção de artesanato e o trabalho doméstico em residências dos conjuntos habitacionais são as principais fontes de renda que mantêm o clã.

A anciã Tereza Ferreira da Silva Sateré é a matriarca do clã com 58 anos. Tereza disse que nasceu na tribo Gavão e viveu na Aldeia Monte Alegre, onde casou-se com o tuxaua Abida Ferreira da Silva. Mas com a morte do marido, Tereza ficou desgostosa e não conseguindo manter a roça, aceitou a proposta da filha Zenilda que a trouxe para Manaus, há cerca de 15 anos.

Em Manaus, Tereza acompanhada dos filhos, sete mulheres e um homem, enfrentou o preconceito e a luta por moradia, o que resultou na dispersão do clã por vários locais de Manaus, entre estes, os bairros da Redenção, Novo Israel, até que alguns membros do clã resolveram, há oito anos, construir suas casas numa área invadida, entre os conjuntos Santos Dumont e Hiléia.

A matriarca ressaltou que a família vem crescendo e que ela tem 28 netos e 18 bisnetos. Tereza disse que não quer voltar para o local de origem porque não será como antes, mas confessou que não gosta de ver televisão e que sente saudades da época em que morava na aldeia Monte Alegre, principalmente das festas tradicionais da dança da Tucandeira e da dança do Gambá, quando além de participar da dança, ela também ajudava a preparar o caxiri. Na opinião da matriarca do clã sateré a vida em Ma-

naus é mais difícil que na floresta. "Aqui a gente tem medo de marginal e precisa dormir com as portas fechadas".

Zenilda da Silva Vilácio Sateré, 38 anos, lidera o grupo nos contatos com a Fundação Nacional do Índio e a Coordenação dos Organizações Indígenas da Amazônia Brasileira. Zenilda fundou a Associação das Mulheres Sateré-Mawé em Manaus. Zenilda disse que o maior problema enfrentado é a discriminação e pressão de alguns moradores do conjunto Santos Dumont que ameaçam expulsar os indígenas do local, alegando que as casas ocupam a área verde do conjunto. Zenilda disse ainda que ela juntamente com o filho já foram

agredidos por moradores da favela. Os agressores, segundo Zenilda, pertencem a uma família de "civilizados" que não aceitam a união de um rapaz da referida família com uma das mulheres do clã.

O filho de Zenilda, Ageu da Silva Vilácio Sateré, 16 anos, relatou que no ano passado foi impedido de continuar estudando porque sofria constantes agressões de grupos de jovens, ao passar pelo interior da favela em direção à escola. "O problema é o preconceito porque alguns moradores não aceitam o fato de sermos índios", comentou Ageu.

A sobrevivência é outro grande problema entre os membros do clã, que em consequência da pobreza enfrenta a perda dos hábitos tradicionais e o alcoolismo de alguns membros. A língua nativa sateré é falada pela matriarca e os membros mais velhos do clã, que se esforçam para repassar a língua para os mais jovens. Ageu destacou que viaja para a área indígena do Andará e cultiva a língua. Porém, o clã por conta da influência de hábitos modernos e falta de espaço físico e social não reproduz os ritos tradicionais dos Sateré-Mawé.

Zaquiel da Ferreira da Silva, 34



Eufrasio Queiroz

anos, é um dos homens do clã que trabalha produzindo artesanatos indígenas, flechas, arcos, anéis, cestas, balaços e outros. Zaquiel disse que há muito tempo não visita a aldeia Monte Alegre, embora se recorde com euforia da festa da Tucandeira, ele confessou que hoje gosta mais de tomar aguardente do que caxiri. "Porque o caxiri é muito prolongado, você bebe hoje e amanhã ainda está sentindo o efeito". Mas, alguns membros do clã manifestaram preocupação com o excesso de consumo de bebidas alcoólicas entre entre os seus parentes.

O administrador regional da

Funai, Raimundo Catarino Campos Serejo disse que já visitou o local para resolver conflitos envolvendo os índios que habita a área verde do Santos Dumont. Serejo acrescentou que uma assistente social da Funai já conversou com o presidente da Associação de Moradores do Santos Dumont e ficou acordado que os índios irão permanecer no local até que seja encontrada alguma solução. O administrador da Funai ressaltou que os índios solicitaram que a Funai regularizasse a área para que eles tenham garantias de que não serão pressionados a deixar o local. "Mas nós explicamos que a Funai não regulariza áreas urbanas", explicou Serejo.



Sob barracos improvisados as famílias dividem obrigações. A produção de artesanato e o trabalho doméstico mantêm o sustento dos Sateré-Mawé